



## “DEFENDAMOS A NATUREZA!”: A RETÓRICA DE HENRIQUES LUIZ

ROESSLER

Elenita Malta Pereira  
Mestranda em História na UFRGS<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, realizamos a análise retórica de uma palestra proferida por Henrique Luiz Roessler, em 05 de setembro de 1957, na escola Fundação Evangélica, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, sobre a necessidade de conservação dos recursos naturais brasileiros. Nosso objetivo é investigar o *ethos*, o *pathos* e, principalmente, o *logos* utilizados pelo orador. Podemos perceber que Roessler provoca sentimentos e utiliza uma série de argumentos em sua fala com o intuito de conseguir a adesão da plateia, assim como de convencê-la da importância de preservar a natureza.

**Palavras-chave:** Henrique Luiz Roessler – análise retórica – preservação da natureza.

**Abstract:** In this essay, we make a rhetoric analysis of a lecture given by Henrique Luiz Roessler, on September 5, 1957, in Fundação Evangélica School, Novo Hamburgo, state of Rio Grande do Sul, on the need for preserving Brazilian natural resources. Our purpose is to investigate the *ethos*, *pathos* and, mainly, *logos* used by the speaker. Thus, we can see that Roessler provokes feelings and uses many arguments in his speech in order to obtain the adhesion of auditorium, as well as persuade the audience of how important is to preserve nature.

**Key words:** Henrique Luiz Roessler - rhetoric analysis - nature conservancy.

Henrique Luiz Roessler (1896-1963) foi um porto-alegrense que se dedicou à proteção da natureza no Rio Grande do Sul. Muito cedo foi com a família para São Leopoldo, onde exerceu várias profissões, como desenhista, escultor em madeira, construtor de barcos e contador, sendo a última a mais constante, com carteira registrada no Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul. Em 15 de fevereiro de 1939, foi empossado no cargo não remunerado de Delegado Florestal (vinculado ao Serviço Florestal, órgão do Ministério da Agricultura), começando a manifestar-se como defensor da natureza, através da publicação de editais do serviço público.

Em 1954, foi destituído do posto de Delegado Florestal, por conta de um artigo do Estatuto do Funcionário Público (Título I, Art. 4º, Lei 1.711, 28/12/1952), que não

<sup>1</sup> Bolsista de Mestrado do CNPq. E-mail para contato: [elenitamalta@gmail.com](mailto:elenitamalta@gmail.com)



permitia funções não remuneradas. No ano seguinte, em 1º de janeiro, em São Leopoldo, fundou a primeira entidade de proteção ambiental no Rio Grande do Sul, a União Protetora da Natureza - UPN.

Presidindo a nova entidade, Roessler continuou o trabalho que já realizava no Serviço Florestal, uma campanha conservacionista, através da distribuição de panfletos a escolas gaúchas, palestras e, a partir de fevereiro de 1957, das crônicas que passou a publicar semanalmente no jornal Correio do Povo. Nos textos e apresentações, Roessler tratava de temas ambientais da época em que vivia, os anos 1950-60, como a necessidade de reflorestamento, o combate à poluição dos rios, a proteção aos animais, a caça ilegal, a matança de passarinhos (protagonizou conflitos com caçadores oriundos dos municípios de colonização italiana no Estado, por causa da “passarinhada”), e a questão do progresso.

Neste artigo, meu objetivo é proceder a análise retórica de uma palestra proferida por Roessler, na cidade de Novo Hamburgo, na escola da Fundação Evangélica<sup>2</sup>, em 05 de setembro de 1957, intitulada “Defendamos a natureza!”. Seu texto foi publicado em livro, juntamente com 95 crônicas selecionadas<sup>3</sup> por Augusto Carneiro, um dos fundadores da Associação Gaúcha para Proteção do Ambiente Natural (AGAPAN), em 1986.

Para os antigos gregos, a retórica era disciplina fundamental, o ápice de sua formação. Alguns a odiavam, como Platão que, em *Górgias*, demonstra todo seu desprezo por ela, nos diálogos entre Sócrates e Górgias, um professor de retórica, que sucumbe à dialética socrática. Já Aristóteles se propôs a estudá-la profundamente, e seus tratados são referência ainda hoje. Segundo Paul Ricoeur, “a retórica de Aristóteles abrange três campos: uma teoria da argumentação, que constitui seu eixo principal (...),

---

<sup>2</sup> Esta escola faz parte da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), um grupo escolar, cuja fundação está ligada “à chegada dos imigrantes alemães e à formação das comunidades evangélicas de Hamburgo Velho e Novo Hamburgo”. Disponível em: <<http://www.ienh.com.br/>>. Acesso em: 09 de março de 2010.

<sup>3</sup> Roessler escreveu mais de 300 crônicas, de 15/02/1957 a 22/11/1963, publicadas no Suplemento Correio do Povo Rural, encartado às sextas-feiras, no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre. O livro recebeu uma segunda edição com apoio da Fepam, em 2005: ROESSLER, Henrique Luiz. **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: 2ª edição, FEPAM, 2005.



uma teoria da elocução e uma teoria da composição do discurso”<sup>4</sup>. O autor considera que a obra de Aristóteles “constitui a mais brilhante das tentativas de institucionalizar a retórica a partir da filosofia”<sup>5</sup>.

Em seu Curso de Retórica, Nietzsche define retórica como “o aperfeiçoamento de artifícios que repousam na linguagem”<sup>6</sup>, a própria linguagem nada tem de natural, “é o resultado de meras artes retóricas”. Para o filósofo, os artifícios mais importantes da retórica são os *tropos*, com destaque para sinédoque, metáfora e metonímia. São figuras, porque provocam imagens, representações, já que a linguagem “nunca expressa algo perfeitamente, mas apenas acentua marcas que se destacam para ela”<sup>7</sup>.

O estudo da retórica permaneceu numa espécie de “limbo”, por muito tempo. Talvez pela predominância da dialética, estilo platônico por excelência, a retórica só foi objeto de uma pesquisa renovadora nos anos 1950. A publicação de *A Nova Retórica: Um Tratado de Argumentação*, em 1958, trouxe uma nova abordagem sobre o tema, um estudo profundo sobre uma parte esquecida do pensamento de Aristóteles, que trata raciocínio dialético, como distinto do raciocínio demonstrativo - chamados por Aristóteles de *analíticos*<sup>8</sup>. Perelman e Tyteca, nesta obra, consideram que a argumentação difere da demonstração, ou lógica formal. A demonstração, para os autores, é impessoal, cálculo, provém do raciocínio matemático; já a argumentação é pessoal, “uma ação que tende sempre a modificar um estado de coisas preexistente”<sup>9</sup>, e isso se dá a partir de uma série de acordos e premissas entre orador e auditório, com vistas à persuasão.

Ricoeur considera, entretanto, que os últimos tratados de retórica<sup>10</sup> oferecem uma “retórica restrita”, analisando apenas a teoria da elocução e a teoria dos tropos. Para este autor, “uma das causas da morte da retórica está aí: ao reduzir-se a uma de

<sup>4</sup> RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. São Paulo: Edições Loyola, 2ª edição 2005, p. 17.

<sup>5</sup> Idem, p. 21.

<sup>6</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Curso de Retórica. **Cadernos de Tradução**, DF/USP, nº 4, 1999, p. 37.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> FOSS, FOSS & TRAPP. "Chaim Perelman". Disponível em: <<http://www.willamette.edu/cla/rhetoric/courses/argumentation/Perelman.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2010.

<sup>9</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação**. A nova retórica. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 61.

<sup>10</sup> Ricoeur não analisa a obra de Perelman, apenas a cita brevemente.



suas partes, a retórica perdeu ao mesmo tempo o *nexus* que a vinculava com a filosofia por meio da dialética”<sup>11</sup>.

O historiador José Murilo de Carvalho constatou a importância da retórica para a cultura nacional<sup>12</sup>. A elite brasileira era influenciada pela escolástica portuguesa, visto que muitos de seus membros estudavam no Colégio das Artes e na Universidade de Coimbra, especialmente no século XIX. Portanto, a retórica, para Carvalho, é importante chave de leitura para entender a história, instrumento legítimo a ser explorado pelo historiador.

Roessler deixou uma relevante produção escrita, além de ter sido orador, em algumas oportunidades. Procurarei, a partir do texto proferido oralmente por Roessler, elementos argumentativos que tornaram seu discurso persuasivo para os ouvintes. Qual o *ethos* do orador e que *pathos* queria estimular na audiência? De quais argumentos emocionais e lógicos se utilizou para convencer a plateia? Qual seu objetivo na conferência? Partindo dessas questões, entendo ser possível conhecer um pouco mais dos recursos oratórios utilizados por Roessler, que, a meu ver, contribuíram para o sucesso de seu discurso, fazendo com que, mais tarde, fosse reconhecido e apropriado como “pioneiro” do movimento ecologista por entidades gaúchas da década de 1970, bem como por órgãos estatais.

## O conteúdo da exposição

Em 05 de setembro de 1957, Roessler proferiu a palestra “Defendamos a natureza!”, no colégio da Fundação Evangélica, em Novo Hamburgo, a convite do Grêmio Cívico Castro Alves<sup>13</sup>, na sessão comemorativa da Independência da República. O título, em tom de convocação, desejava expressar a necessidade de que os ouvintes se unissem à sua campanha de proteção à natureza. Na plateia, um público feminino: jovens alunas da Fundação Evangélica.

<sup>11</sup> RICOEUR, Paul. **Op. Cit.**, 2005, p. 18.

<sup>12</sup> CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, n.º. 1, jan/dez. 2000, p. 130.

<sup>13</sup> Grêmio estudantil da escola, com a denominação “Grêmio Estudantil Castro Alves” (GECA). Ver em: <<http://www.ienh.com.br/>>. Acesso em: 09 de março de 2010.



O texto da palestra se divide em três momentos. Na primeira parte, Roessler comenta a situação histórica das florestas brasileiras e da caça ilegal; o impacto da destruição e o que a floresta representa, além do valor econômico. Num segundo momento, ele remete ao dever patriótico de reflorestar, já que os órgãos estaduais e federais pouco ou nada faziam para replantar. Por fim, Roessler fala da sua entidade, a União Protetora da Natureza, e de sua campanha educativa junto às escolas gaúchas.

Logo no começo da exposição, Roessler partiu da premissa de que todas as presentes sabiam que “o maior recurso natural do Brasil, visível, quando foi descoberto, eram as maravilhosas florestas virgens e a grande variedade de animais silvestres que as povoavam”<sup>14</sup>. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, o orador, “utilizando as premissas que servirão de fundamento à sua construção, conta com a adesão de seus ouvintes às proposições iniciais”<sup>15</sup>. Parece que foi o que ocorreu com o discurso em questão. Roessler supôs que o auditório já conhecia alguns pressupostos iniciais de sua fala: num tom ufanista, lembra que, antes da chegada do europeu, era “um paraíso a nossa Pátria”, possuía fauna e flora exuberantes, que o índio respeitava, “mas onde o homem branco mete a mão na natureza, destrói tudo a ferro e fogo, porque o único interesse é enriquecer rápida e facilmente, sem pensar no futuro”. Além de uma certa idealização do índio e culpabilidade do homem branco, Roessler, neste e em outros textos, lembrava da necessidade de se pensar no futuro, de se preservar para as próximas gerações<sup>16</sup>.

Ele continua narrando a destruição da natureza brasileira: a extração do pau-brasil, a derrubada de várias espécies nativas, para a cultura da cana-de-açúcar, e depois para o plantio de outros vegetais que foram introduzidos na colonização (algodão, café,

---

<sup>14</sup> ROESSLER, Henrique Luiz. **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: 2ª edição, FEPAM, 2005, p. 90.

<sup>15</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 73.

<sup>16</sup> O tom patriótico do discurso de Roessler estava de acordo com o nacionalismo corrente na primeira metade do século XX. Naquele período, “ser nacionalista não era uma opção ideológica e política de conteúdo unívoco e os conceitos nação, nacionalismo e nacionalista tornaram-se rótulos nomeadores de realidades diversas entre si”. O nacionalismo configurou-se inicialmente como uma ideologia de Estado, durante os anos em que Getúlio Vargas governou, e também esteve presente no projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, assim como nas reformas propostas por João Goulart. Com o tempo, o discurso nacionalista influenciou, além da esfera política, as discussões nos partidos, sindicatos, associações de intelectuais, estudantes e militares. MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. **Revista Brasileira de História** [online], vol.18, n.35, pp. 329-360, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.





arroz, etc), bem como para a criação de gado. Sua principal preocupação é com a histórica derrubada das florestas nativas e o também histórico descaso com o reflorestamento. Falando em geral sobre o Brasil, refere-se ao “sul”, onde o problema foi a derrubada para suprir de lenha e madeira as indústrias, a construção de vias férreas, o plantio de lavouras de arroz, e a exportação de pinhais pelas serrarias. O tom é de, ora indignação, ora ironia, ao relatar que “as derrubadas eram feitas sem lei nem medidas, sob a extravagante concepção de serem as florestas inesgotáveis, *o que até hoje ainda é crença de muita gente aparentemente culta* [grifo meu]”<sup>17</sup>. A ironia, aliás, é uma figura de linguagem recorrente também nas crônicas de Roessler publicadas no Correio do Povo.

Um aspecto muito interessante é a maneira como ele analisa a importância das florestas. Para Roessler, além do valor econômico, “ainda representam outro valor imenso, que não pode ser traduzido em dinheiro (...) elas representam também bens imateriais”<sup>18</sup>. O orador utiliza, então, um argumento de utilidade e de valor para se conservar as florestas, que ultrapassa a importância monetária: “são indispensáveis para conservação do regime de águas; para evitar a erosão das terras pela ação dos agentes naturais como enxurradas e ventos; para asilar a fauna”. Neste caso, Roessler apresenta valores concretos - embora não financeiros - para convencer a plateia de que era muito mais útil conservar as florestas do que derrubá-las; os exploradores não conseguiam perceber isso, só pensavam nos lucros que obteriam com a madeira. A culpa toda é do homem, “esse grande devastador da natureza”<sup>19</sup>.

Passando para outro assunto, que também é uma das causas defendidas pelo orador, ele começa a falar da caça, que é praticada, muitas vezes, com “um grande prazer, um magnífico divertimento, ferindo e matando as pobres criaturas, levando a morte e o sofrimento para dentro da nossa linda natureza”. Com uma idealização

---

<sup>17</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 91.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 92. A visão negativa, de atribuição de culpa ao homem, é partilhada com outros autores que escreveram antes de Roessler, como, por exemplo, Monteiro Lobato, Rodolpho Von Ihering, Agenor de Couto Magalhães, entre outros. Essa concepção remete ao tratado pedagógico Emílio, de Rousseau, cujas implicações para o campo ambiental foram tratadas por Isabel Carvalho. Rousseau considera a “natureza como ideal de perfeição degenerado pela ação humana”. CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001, p. 50.



romântica da natureza, Roessler considera a caça um “vício”, especialmente a caçada a passarinhos “que são o encanto das matas e campos, mas são mortos (...) para serem comidos por gente apreciadora do prato festivo de certa região, a tradicional ‘passarinhada com polenta’”<sup>20</sup>. A “certa região” a que ele se refere é a serra gaúcha, onde se encontram municípios de colonização italiana. Sobretudo em Bento Gonçalves e Caxias do Sul, houve embates entre Roessler e caçadores de passarinhos (tico-ticos, quero-queros, sabiás), quando ele fiscalizava a região, no cargo de Delegado Florestal, surpreendendo caçadores ilícitos através de “batidas”. O problema era o costume da “passarinhada” (prato constituído de passarinhos, polenta e molho), que “surgiu da necessidade de alimentação e estimulada pela abundância de pássaros”<sup>21</sup>.

Na segunda parte da palestra, em tom de ameaça, o orador utiliza a “História Universal”, advertindo que “povos que se desfizeram de seus recursos naturais, cujo maior é a floresta, empobreceram, se tornaram escravos e desapareceram no mundo”<sup>22</sup>. Roessler lembrou também que as leis decretadas não eram respeitadas. A população, em geral, esperava que o Governo providenciasse o reflorestamento, e não fazia nada por si mesma. Ele criticou a inércia do Estado, mas também a dos cidadãos comuns; se o governo não fazia, os indivíduos podiam e deveriam fazer sua parte, pelo menos nos limites de suas possibilidades.

O orador argumenta que, até o momento da palestra, segundo estatísticas (não cita quais), o reflorestamento “particular” teria sido feito “na proporção de 1 árvore para cada 300 derrubadas (0,3%)”, o que ele considera “uma revelação de estarrecer o mais insensível dos patricios”. Mesmo o replantio executado pelos órgãos oficiais também seria insignificante. Uma crítica ácida e irônica é dirigida, quando Roessler fala que ainda não viu reflorestamento feito pelo Governo do Estadual: “Não é tão fácil reflorestar como parece. Não se faz a grita. Não se faz sentado nos cafés, nos gabinetes, passeando na Rua da Praia<sup>23</sup>”. Além disso, o Estado não tinha demonstrado interesse

<sup>20</sup> Roessler, Henrique. **Op. Cit.**, p. 92.

<sup>21</sup> DE BONI, Luis A., COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Caxias do Sul: Editoras EST, UCS, 1979, p. 170.

<sup>22</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 93.

<sup>23</sup> Primeiro nome da rua mais antiga de Porto Alegre, de frente para o “Porto de Viamão”, por onde começou o povoamento da cidade, às margens do Rio Guaíba. Em 17 de agosto de 1865, a Câmara Municipal aprovou um projeto que modificou sua denominação. A partir de 7 de setembro do mesmo ano,



em manter os parques florestais, pretendendo vender o Horto Florestal de São Leopoldo, segundo Roessler.

No terceiro momento da palestra, Roessler falou de si e da entidade que fundou, em 1ª de janeiro de 1955, em São Leopoldo. A União Protetora da Natureza, até onde pude investigar, foi a primeira instituição não governamental do Rio Grande do Sul com o fim de proteger os recursos naturais.

No início da terceira parte, ele se dirige à plateia autodenominando-se “pioneiro da proteção à natureza”. Essa alcunha de pioneiro foi, mais tarde, atribuída a Roessler em diversos textos (reportagens, livros), por ambientalistas e por órgãos públicos do Estado, como a FEPAM<sup>24</sup>, por exemplo. Interessante perceber que o próprio Roessler atuou como agente de uma construção de si<sup>25</sup>, talvez pensando em deixar para a posteridade seu trabalho como “pioneiro” do conservacionismo no Rio Grande do Sul.

O orador justifica a fundação da UPN, pela observação da anarquia na preservação das florestas há muitos anos, e que obteve a inspiração em entidades semelhantes já existentes em São Paulo e na Alemanha, com a finalidade de “combater a ignorância do povo em assuntos florestais, de orientar a juventude por intermédio de seus educadores, de propagar as ideias de conservação da flora e da fauna na Colônia, onde não chegam jornais e revistas, onde os colonos são esquecidos pelas autoridades”<sup>26</sup>. A UPN fazia distribuição de material educativo, na forma de panfletos e livrinhos que orientavam quanto ao reflorestamento, caça, pesca, e, principalmente, contra a caça de passarinhos. Através destes panfletos conduziu uma campanha com elementos do que hoje se conceitua como educação ambiental<sup>27</sup>.

---

passou a chamar-se, em comemoração ao aniversário do dia da Independência, Rua dos Andradas. Entretanto persiste, ao longo do tempo, a antiga denominação. FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 4ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 29-30.

<sup>24</sup> O próprio nome da FEPAM é uma homenagem a Roessler, pois este órgão, criado em 04/06/1990, pela Lei 9.077, para ser responsável pelo licenciamento ambiental no RS, chama-se Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler.

<sup>25</sup> Um estudo sobre como pode dar-se essa *construção de si* encontra-se em GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>26</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 94.

<sup>27</sup> Segundo Marcos Reigota, a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social e ética nas relações sociais e com a natureza. REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006, p. 10.





Na sequência, Roessler se queixa da falta de uma colaboração mais ativa dos sócios da UPN. Apesar de já contar com 280 sócios no momento da palestra, a maioria só contribuía com dinheiro e apoio moral; não queria ir para “a linha de frente” com ele, “aguentar o impacto dos infratores das leis, dos quais somente neste ano já foram encontrados mais de 500, no setor de caça e pesca”<sup>28</sup>. Mesmo o dinheiro doado não era suficiente. No ano da palestra, 1957, as doações teriam somado 80.000 cruzeiros, o que seria suficiente para pagar apenas a quarta parte dos panfletos necessários para atingir 12.000 escolas e 300.000 lares de agricultores.

Citando dois exemplos de falta de apoio financeiro, Roessler se queixa da ausência de apoio da população em geral, lembrando que mandou publicar um livrinho sobre leis de caça, com comentários e esclarecimentos, colocando, na última página “Se a leitura deste folheto lhe for útil, auxilie com qualquer donativo a Campanha Educativa da União Protetora da Natureza”<sup>29</sup>. Entretanto, ninguém contribuiu, apesar do material ter sido bem aceito. Ele também solicitou recursos à Secretaria da Educação, para a confecção de panfletos educativos a serem distribuídos nas escolas, o que foi negado. O plano educativo foi aprovado, porém a Secretaria se dispôs a apenas distribuir o material, caso a UPN o fornecesse gratuitamente.

No final da palestra, Roessler se mostra muito pessimista, diante das evidências. Por falta de dinheiro, sua campanha não conseguiria atingir o objetivo traçado (todas as escolas do Estado): “Tudo vai tão devagar, sem entusiasmo, sem interesse, é tão dificultoso”. Criticou novamente a “Festa da árvore”, que ocorria todos os anos, mas era incapaz de promover o reflorestamento além do dia 21 de setembro, dia da árvore.

Por fim, ele conclui que

*todo o trabalho de proteção à natureza terá que partir da iniciativa particular, e, por isso, falando às jovens alunas da Fundação Evangélica, o primeiro educandário que está colaborando eficientemente, no*

<sup>28</sup> ROESSLER, Henrique, **Op. Cit.**, p. 94.

<sup>29</sup> UPN. **Livreto de Legislação sobre caça**. São Leopoldo: Museu Visconde de São Leopoldo, caixa 01, s/data..



*desenvolvimento da nossa causa, peço que nunca se esqueçam de ampararem as árvores e os animais silvestres, e, no futuro, quando constituírem seus lares e tiverem filho, lhe transmitam como um ideal o amor à natureza, sem a qual a vida será difícil ou impossível<sup>30</sup>.*

Neste trecho, podemos constatar argumentos de direção, na forma de propagação, e de superação, ao mesmo tempo. De direção, porque alerta para o futuro, “contra certos fenômenos que, por intermédio de mecanismos naturais ou sociais, tenderiam a se transmitir cada vez mais, a se multiplicar e a se tornar, dado esse mesmo crescimento, nocivos”<sup>31</sup>. Ou seja, contra a impossibilidade de um futuro – caso a natureza não fosse preservada, o discurso de Roessler representava um alerta. Daí também surgia a necessidade de superação, argumento que insiste “na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com um crescimento contínuo de valor”<sup>32</sup>. No caso, o limite é o futuro – em aberto, que, apesar da avaliação negativa do presente, poderia ser melhor, se sua plateia ajudasse.

Parece-me que este final contém a própria concepção de natureza de Roessler: um bem, de valor intrínseco, que precisa ser guardado para o futuro. E essa preservação, para ele, era percebida como um ideal, que envolvia emoção, afetividade: era preciso amar a natureza para preservá-la.

## A retórica de Roessler

Quanto ao gênero, a palestra analisada pode situar-se entre deliberativo e epidídico. O gênero deliberativo é utilizado para aconselhar, ou desaconselhar, em diferentes questões<sup>33</sup>. No caso em estudo, o orador recomendava que seu auditório se conscientizasse sobre a necessidade de unir forças em prol da natureza. Diferenciando

<sup>30</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 95.

<sup>31</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 326.

<sup>32</sup> Idem, p. 327.

<sup>33</sup> REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 45.



dos outros dois gêneros propostos por Aristóteles (judiciário e epidídico), Reboul expõe que, quanto ao tempo, o deliberativo refere-se ao futuro, pois “inspira decisões e projetos”. E é o que Roessler deseja com suas palavras às estudantes evangélicas; fazer com que elas colaborem com o seu próprio projeto de proteção à natureza, um plano voltado para o futuro. Contudo, ao mesmo tempo, o discurso pretende educar - função do epidídico -, e, “não se trata de defender ou de atacar, mas de promover valores que são o objeto de uma comunhão social, o orador, embora esteja de antemão seguro da boa vontade de seu auditório, deve, ainda assim, possuir um prestígio reconhecido”<sup>34</sup>. No caso da palestra em análise, a escola da Fundação Evangélica já se preocupava com a natureza<sup>35</sup>, portanto, houve uma comunhão de valores entre auditório e plateia.

Reboul utiliza também a classificação de Aristóteles para determinar o tipo de argumento utilizado em um discurso (*ethos, pathos e logos*). O *ethos* - caráter assumido pelo orador para inspirar confiança no auditório – adotado por Roessler, no caso, é o de pioneiro da proteção à natureza, preenchendo os requisitos de credibilidade citados por Reboul. Mostra-se sensato, ao expor a situação ambiental do Brasil, desde o início da colonização, e das consequências do tipo de uso que foi dado aos recursos naturais naquele período, até a data da palestra, o que trouxe enormes prejuízos para o país. Parece também demonstrar sinceridade em suas palavras, pois apresenta argumentos históricos, de ampla aceitação pelo público em geral, para dar conselhos razoáveis e pertinentes. E, de acordo com Reboul, que considera o orador simpático aquele “disposto a ajudar seu auditório”<sup>36</sup>, Roessler estaria demonstrando imensa simpatia.

O *pathos* - emoções e sentimentos que o orador pretende suscitar em seu auditório – estimulado por Roessler é, inicialmente, a indignação pela derrubada das florestas e o desrespeito às leis de caça e o medo pela perda dos recursos naturais. Dirigindo-se para o final da palestra, ele apela que as jovens - futuras mães, esposas e, quem sabe, professoras - transmitam o amor pela natureza, necessário para que a

<sup>34</sup> REBOUL, Olivier. **Op. Cit.**, p. 58.

<sup>35</sup> Entrevistei o professor Kurt Schmeling, em 18/06/2009. Atualmente com 86 anos, ele dava aulas na Fundação Evangélica, na época da palestra. Schmeling comentou que Roessler o estimulou a interessar-se pela natureza e, em 1978, foi um dos fundadores de uma entidade ambientalista em Novo Hamburgo - que atua até o presente, 2010 - cujo nome, Movimento Roessler, foi uma clara homenagem ao palestrante de 1957.

<sup>36</sup> REBOUL, Olivier. **Op. Cit.**, p. 48.



natureza fosse preservada. Para sensibilizar seu público, Roessler estimula sentimentos contraditórios, como o ódio aos destruidores e o amor às árvores e animais. Atingir a sensibilidade das moças poderia ser uma estratégia retórica de sucesso, pois faria com que estas criassem empatia pelo orador e, conseqüentemente, pela causa que ele defendia.

Já o *logos*, “diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso”<sup>37</sup>, o aspecto dialético da retórica. Aristóteles dividiu os argumentos em dois tipos, o entinema (dedutivo) e o exemplo (indutivo), entretanto Perelman e Olbrechts-Tyteca vão além, pois tratam da relação entre as premissas, e distinguem quatro tipos de argumentos: os quase lógicos, os que se fundam na estrutura do real, os que fundam a estrutura do real e os que dissociam uma noção<sup>38</sup>. Na tentativa de compreender o *logos* de Roessler na palestra que estamos analisando, selecionei alguns argumentos que me pareceram mais significativos em seu discurso.

Se fatos já são argumentos<sup>39</sup>, apesar da dificuldade de se definir o que é um fato, Roessler já está argumentando, quando apresenta, no início da sua fala, dados sobre a situação florestal e os exageros da caça no RS, pois visam sensibilizar a plateia para a questão, preparando para a proposta que faria ao final. Durante a exposição, utiliza-se da ironia, como já foi mencionado acima, para ridicularizar pessoas que deveriam promover o reflorestamento, mas não o fazem, provavelmente funcionários de órgãos públicos, bem como o próprio Estado.

Na primeira parte da palestra, Roessler emprega o argumento de *reciprocidade*, pois a situação das florestas e da caça recebe o mesmo tratamento. Segundo Perelman & Tyteca, “a simetria facilita a identificação entre os atos, entre os acontecimentos, entre os seres, porque enfatiza um determinado aspecto que parece impor-se em razão da própria simetria posta em evidência”<sup>40</sup>. No nosso caso, a simetria é a depredação tanto das florestas – desmatamento – quanto da fauna, pela perda de seu habitat e pela caça

<sup>37</sup> REBOUL, Olivier. **Op. Cit.**, p. 49.

<sup>38</sup> Esses quatro tipos de argumentos se desdobram em inúmeros outros e são amplamente discutidos nos quatro primeiros capítulos da Terceira Parte do Tratado. PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 219-521.

<sup>39</sup> REBOUL, Olivier. **Op. Cit.**, p. 164.

<sup>40</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 250-51.



desenfreada. Colocar as duas situações simetricamente produz um efeito de adesão e convencimento na plateia muito maior do que apresentar apenas uma delas.

O argumento de *comparação* é trazido, de forma negativa, quando Roessler menciona o caso dos Bosques Escolares na Alemanha. Lá, existiam 3.000, aqui, nenhum, pois “ninguém se entusiasma ou ajuda a concretizar a ideia”<sup>41</sup>. Convém observar que, justamente numa palestra em comemoração ao “Dia da Pátria”, o orador se mostre tão pessimista quanto ao seu próprio país, e admirador de outro. Todavia, não podemos esquecer que possuía descendência germânica, era fluente na língua e tinha acesso a livros e revistas alemães; talvez advenha destes fatos sua admiração.

Passando para os argumentos baseados na estrutura do real, que se valem dessa estrutura “para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover”<sup>42</sup>, podemos perceber o vínculo causal – argumento de *causalidade* – em vários momentos da palestra. Logo no início, Roessler expõe que a destruição “a ferro e fogo” da natureza é causada pelo homem branco. Indiretamente, ele culpa a colonização portuguesa, pois menciona a extração de pau-brasil, o plantio do café, etc. Também o descaso do próprio Estado para com o reflorestamento e criação de parques florestais é causador da situação crítica mencionada pelo palestrante.

Outro argumento baseado no real que fica bastante evidente no discurso de Roessler é o do *desperdício*. Afinal, o homem branco, ao derrubar indiscriminadamente as árvores brasileiras, desperdiçou uma riqueza incalculável, tanto em termos econômicos, quanto em conteúdo simbólico, imaterial. Nesse sentido, “o sentimento de algo que se deixou escapar pode desempenhar um papel (...) uma vez que a convicção de deixar escapar alguma coisa fica estabelecida, ela vem reforçar o valor próprio daquilo que é assim malbaratado”<sup>43</sup>. O orador, ao falar do desmatamento, anuncia a falta da floresta; sua ausência, na verdade, reforça sua preservação, ou seja, sua *presença*. A seleção de certos elementos para a apresentação ao auditório é importante, porque confere presença ao que se quer realçar no debate. Isso é relevante, pois “a presença atua de modo direto sobre a nossa sensibilidade”<sup>44</sup>. No caso aqui tratado,

<sup>41</sup> ROESSLER, Henrique. **Op. Cit.**, p. 95.

<sup>42</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 299.

<sup>43</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 319.

<sup>44</sup> Idem, p. 132.





Roessler selecionou os problemas ambientais mais graves da época, o desmatamento e a caça desenfreada, embora existissem várias outras questões que não foram mencionadas, como, por exemplo, a poluição dos rios, a matança de peixes nas bombas de sucção nas lavouras de arroz, o debate sobre bioética e direitos dos animais, o questionamento da noção de progresso, temáticas que ele tratou em diversas crônicas e panfletos.

Voltando ao *ethos*, um aspecto interessante ressaltado por Perelman, que pode ajudar-nos a compreender melhor o caráter de Roessler como orador, é a ligação entre a pessoa e seus atos. O próprio palestrante, ao intitular-se “pioneiro da preservação da natureza” utiliza uma qualificação, um epíteto, que, intencionalmente, “visa deixar imutáveis certas características cuja estabilidade fortalece a personagem”<sup>45</sup>. Ao seu favor, Roessler possuía muitas ações em prol da natureza, desde seu cargo de Delegado Florestal até a fundação de uma entidade de proteção à natureza (não esquecendo que era a primeira no Rio Grande do Sul), sem falar nos textos que escrevia sobre questões ambientais. Esse ponto é particularmente importante, porque revela a construção do personagem por ele mesmo, e que, após sua morte, foi reverenciado e apropriado por entidades ambientalistas fundadas nos anos 1970<sup>46</sup>.

Roessler, *a pessoa*, é “suporte de uma série de qualidades, autora de uma série de atos e de juízos, objeto de uma série de apreciações, é um ser duradouro a cuja volta se agrupa toda uma série de fenômenos aos quais ela dá coesão e significado”<sup>47</sup>. Os atos do palestrante credenciam-no a autodenominar-se “pioneiro”; isso também faz com que os outros atribuam o valor dos *atos* de Roessler à *pessoa* dele. Neste caso, ocorre uma “transferência de valor” do ato à pessoa, que passa a conceder-lhe certa autoridade.

A figura de Roessler ganhou coesão, ainda em vida, credenciada pelos atos passados e efeitos produzidos, que formaram “um ativo muito apreciável (...) uma espécie de capital que se incorporou à pessoa”<sup>48</sup>. Podemos entender também como um

<sup>45</sup> Ibidem, p. 335.

<sup>46</sup> Cito como agentes da construção da memória de Roessler entidades ambientalistas no Rio Grande do Sul: AGAPAN (Porto Alegre), UPAN (São Leopoldo) e Movimento ROESSLER (Novo Hamburgo).

<sup>47</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 336.

<sup>48</sup> Idem, p. 341.



“capital de memória”<sup>49</sup>, que começou a se formar após sua morte. Sua imagem é sempre lembrada para legitimar projetos de defesa ambiental, nos municípios do Vale do Rio dos Sinos.

Se o orador possui prestígio, sua fala pode ter maior poder de persuasão. Segundo Perelman & Tyteca, “o prestígio é uma qualidade da pessoa que se conhece por seus efeitos”<sup>50</sup>. Ao que parece, pelo menos nos arredores de São Leopoldo, Roessler era bem conhecido e admirado por seus contemporâneos. Somente o fato de ter sido chamado para ministrar a palestra já revela certa influência - e prestígio - local.

Uma referência constante nos escritos de Roessler é a religião. A natureza é obra de Deus e o homem, quando a destrói, comete “um pecado contra Deus”. Contudo, nesta palestra para alunas evangélicas, só há uma referência, e ainda assim metafórica à religiosidade, quando, no início, o orador compara a natureza existente antes da chegada do homem branco a um paraíso. Sua visão do indígena era idealista: “nunca foi um devastador”. Enquanto só os índios habitavam o território brasileiro, retirando da natureza somente o necessário para a subsistência, haveria, segundo ele, uma espécie de éden. A ideia de *éden*, paraíso, é fundamental para o cristianismo. Quando houve a *queda*, começou a história e todo sofrimento da humanidade. Pode haver, na argumentação de Roessler, uma analogia a este episódio. No Brasil (paraíso indígena), a queda foi a chegada dos brancos, que tinham outra concepção de mundo e vida, encarando a natureza, mesmo que no começo num misto de admiração e assombro, como recurso que Deus colocou à serviço dos homens. As duas visões entraram em conflito, e a mais forte, dos colonizadores europeus, foi a vitoriosa. Infelizmente, segundo Roessler.

Por fim, gostaria de ressaltar a questão da ordem do discurso, com vias a provocar persuasão, na palestra de Roessler. Como já foi mencionado, o discurso se divide em três partes: primeiramente a exposição histórica, depois a situação atual do reflorestamento e, por último, a atuação da UPN. Para a adesão das mentes, é importante pensar na questão formal, quando se escolhe as etapas de uma

<sup>49</sup> HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Ângela de Castro. **Direitos e cidadania**. Memória, política e cultura. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 27.

<sup>50</sup> PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Op. Cit.**, p. 345.



argumentação, de maneira a garantir maior inteligibilidade. Quanto mais ordenadas logicamente, maior é a chance de adesão às ideias expostas.

Deve haver uma adaptação na ordenação dos argumentos, inclusive, de acordo com o auditório, que “será ditada, em grande parte, pelo desejo de ressaltar novas premissas, de dar presença a certos elementos e de obter certos envolvimento de parte do interlocutor”<sup>51</sup>. Conforme a explanação se desenvolve, são firmados compromissos do orador com a plateia. Na palestra em estudo, Roessler segue uma linha didática, ao expor o descaso com a natureza inicialmente, o que situa o auditório no contexto de destruição, desde a chegada dos colonizadores. Em seguida, corrobora o caos com dados numéricos, o que geralmente dá credibilidade às palavras, dando uma aparência de “cientificidade” de que, em geral, as pessoas não duvidam. No final, tenta comover pelos exemplos citados de descaso para com sua campanha educativa, estimulando o *pathos* da plateia, e solicita a colaboração das jovens alunas no amparo dos animais e árvores, sem esquecer de repassar esse cuidado aos seus descendentes.

## Considerações finais

Na palestra analisada, foi possível constatar toda uma argumentação retórica utilizada por Roessler. Acredito que, conscientemente, o orador proferiu um discurso recheado de argumentos e figuras de linguagem, especialmente a ironia, visando a adesão de sua plateia, estudantes de uma escola de orientação religiosa – evangélica – em Novo Hamburgo.

Roessler possuía tamanho domínio da temática ambiental de sua época, expondo suas ideias de forma tão interessante, que só uma análise atenta é capaz de perceber seus artifícios retóricos. Suas palavras que, à primeira vista, parecem fluir naturalmente, na verdade, foram elaboradas de forma a tornarem o discurso coerente, ao mesmo tempo inteligível e emocionante.

O bom orador é aquele que sabe utilizar as palavras de forma que seu discurso pareça espontâneo. Neste ponto, considero Roessler um excelente orador, capaz de provocar sentimentos em seu público, com vistas a garantir o apoio a suas ideias. Numa

---

<sup>51</sup> Idem, p. 557.



exposição ordenada, acessível à sua plateia, soube selecionar os fatos, utilizar lugares de quantidade, argumentos de reciprocidade, comparação, causalidade, desperdício, exemplos e, talvez o mais importante, seu prestígio pessoal.

Encontrar recursos retóricos em Roessler, entretanto, em nada diminui o mérito de sua atuação em prol da natureza. Pelo contrário, pode possibilitar uma maior compreensão dos métodos por ele utilizados para divulgar sua campanha educativa, nos anos 1950-60. Os argumentos utilizados por Roessler muito provavelmente colaboraram para a construção de toda uma memória, *post mortem*, que foi utilizada para legitimar a fundação de entidades ambientalistas não governamentais e órgãos públicos, bem como a elaboração de discursos políticos e ecológicos, a partir dos anos 1970, no Rio Grande do Sul. Estudar a retórica nas palestras e crônicas escritas de Roessler pode, ainda, indicar um caminho para compreender a *construção de si*, como personagem, por ele mesmo, através da autodenominação de “pioneiro”, alcunha pela qual ele continua sendo (re) conhecido no Estado.

## Referências Bibliográficas

**BRASIL. Lei 1.711, de 28 de outubro de 1952.** Dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis da União. **Disponível em:** [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1950-1969/L1711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L1711.htm). Acesso em: 16 de março de 2010. Revogada pela Lei nº 8.112, de 1990.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica.** Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº. 1, pp. 123-152, jan/dez. 2000.

DE BONI, Luis A., COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Caxias do Sul: Editoras EST, UCS, 1979.



ENTREVISTA com Kurt Schmeling. Novo Hamburgo, 18 de novembro de 2009.

ESCOLA FUNDAÇÃO EVANGÉLICA. Disponível em: <<http://www.ienh.com.br/>>. Acesso em: 09 de março de 2010.

FOSS, FOSS & TRAPP. "Chaim Perelman". Disponível em: <<http://www.willamette.edu/cla/rhetoric/courses/argumentation/Perelman.htm>>. Acesso em: 18 de março de 2010.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 4ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 121-128, 1998.

HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de mémoire na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Direitos e cidadania: Memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. **Revista brasileira de História** [online], vol.18, n.35, pp. 329-360, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881998000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de janeiro de 2010.

NIESTZSCHE, Friedrich. Curso de Retórica. **Cadernos de Tradução**, nº 4, DF/USP, p. 21-69, 1999.





PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação. A nova retórica.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLATÃO. **Górgias.** São Paulo: Difel, 2ª edição, 1986.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva.** São Paulo: Edições Loyola, 2ª edição, 2005.

ROESSLER, Henrique Luiz. **O Rio Grande do Sul e a Ecologia – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo.** Porto Alegre: 2ª edição, FEPAM, 2005.

UPN. **Livreto de Legislação sobre caça.** São Leopoldo: Museu Visconde de São Leopoldo, caixa 01, s/data.